

# (in) fusão de territórios

Luís pinto de faria

mestre assistente, faculdade de ciência e tecnologia,  
universidade fernando pessoa

lpintof@ufp.pt

## **RESUMO**

Este artigo questiona a legitimidade metodológica de uma hipotética fusão das cidades do Porto e de Gaia no contexto do panorama histórico, cultural e disciplinar que a informa.

**PALAVRAS-CHAVE:** porto, gaia, fusão, local, global, processo, holísmo.

## **ABSTRACT**

This paper, queries about the legitimacy of a hypothetic fusion between the cities of Porto and Gaia in the context of the historical, cultural e disciplinary panorama in what it is informed.

**KEYWORDS:** porto, gaia, fusion, local, global, process, holism.

Apesar de detectarmos no Renascimento o início da chamada «revolução científica», apenas entre os séculos XVIII e XIX, após um longo período de lenta fermentação tecnológica, de acumulação de saberes e de experiências, foram reunidas as condições sociais, económicas e culturais necessárias ao esboço de uma verdadeira rotura paradigmática, na qual a revolução industrial foi apenas um dos sintomas.<sup>1</sup>

Fosse dirigida ao progresso e à produtividade, fosse numa linha de continuidade concentrada em objectivos humanistas, foi neste contexto que a então recente disciplina do Urbanismo<sup>2</sup>, imbuída já no espírito da ciência moderna, procurou equacionar o rápido crescimento dos grandes centros urbanos, a reestruturação dos sistemas produtivos, o aperfeiçoamento dos meios de comunicação bem como os novos modelos económicos associados à recente industrialização, enquanto factores determinantes à emergência de um novo modo de pensar e fazer cidade.

Suportados na lógica mecanicista e no pensamento linear matemático da cultura analítica pós-industrial, a arquitectura e o urbanismo empenharam-se desde então na apresentação de novos modelos de acção sobre o território que, assentes numa perspectiva reducionista<sup>3</sup> da realidade, constituíram o arquétipo racionalista do grosso da produção urbana do século XX.

Hoje, quarenta anos depois do Congresso (CIAM, 1928), descobrimos que aquelas propostas tornaram-se casas, bairros, subúrbios e cidades, manifestações palpáveis de um abuso perpetrado primeiro nos pobres e depois nos 'menos pobres': álibis culturais para a mais feroz especulação económica e a mais obtusa ineficiência política [...] nós temos o direito de perguntar porquê que a habitação deverá ser o mais barata possível [...] porquê que no lugar de fazermos todos os esforços para as reduzir aos níveis mínimos de áreas e materiais nós não procuramos fazê-las espaçosas, protegidas, isoladas, confortáveis, bem equipadas, ricas em oportunidades de privacidade, comunicação, convívio e criatividade. De facto ninguém pode ficar satisfeito com a resposta que apela à necessidade de contenção dos custos pois todos sabemos quanto gastamos em guerras, construção de mísseis e em sistemas antibalísticos [...]<sup>4</sup>

No entanto, após a Segunda Guerra Mundial, o desapontamento generalizado com a máquina, com a tecnologia ou com o saber doutrinário, desencadeou um clima cultural no qual se reordenaram pontos de vista éticos e estéticos, aliados a uma nova concepção do indivíduo e da sociedade. Como refere Ignasi de Solà-Morales, os novos termos da linguagem do Existencialismo, como «humanismo», «emoção», «crescimento espiritual», «autêntico» e «válido», aparecem então na cena da arquitectura e do urbanismo<sup>5</sup>, acrescentando ao debate modernista novos níveis de complexidade relacional que não mais pararam de se intensificar.

Hoje, nesta nova transição de século, o rápido crescimento dos grandes centros urbanos<sup>6</sup> bem como a reestruturação do sistema produtivo (o chamado pós-fordismo), o desenvolvimento dos meios de comunicação (as novas tecnologias da informação), os novos modelos económicos (a globalização), a industrialização moderna (a informática e a robótica), bem como as novas ciências (as ciências emergentes), configuram um cenário passível de comparação com o verificado na viragem de século antecedente, sugerindo, por analogia, que nos voltemos a questionar sobre uma nova rotura paradigmática, ressonante do actual momento de transformação, transversal às várias disciplinas e, a nosso ver, preponderante na redefinição do modo de pensar e fazer cidade.

As utopias de Ebenezer Howard, Le Corbusier ou Archigram, as várias tentativas para a idealização de uma cidade planeada de raiz, como Chandigarh ou Brasília, ou mesmo as sínteses racionalistas sobre o desenho, a tipologia, a morfologia

e a gestão do território, desenvolvidas nos anos 70 por homens como Aldo Rossi, Carlo Aymonino ou Vittorio Gregotti, parecem hoje, isoladamente, cada vez menos significantes no contexto da chamada cidade difusa, dos novos desafios sociais e políticos, das novas provocações económicas ou do novo repto ambiental, precipitando a disciplina da arquitectura na urgência da reinterpretação e aprofundamento do modo como se integra e relaciona com o território.

O carácter indissociável dos vários níveis da realidade que hoje sabemos informar o território, percebidos como cada vez mais complexos, mutáveis e interconectados, é já incompatível com qualquer modelo estático de execução assente sobre divisões administrativas estanques ou selecções sociais abstractas, exigindo, pelo contrário, uma visão de projecto arquitectónico/urbano fundamentado numa nova lógica de processo.

Desta perspectiva, a intervenção tanto pode incidir sobre as infra-estruturas, sobre níveis de utilização do solo ou sobre o aspecto visual do espaço urbano, como sobre aspectos particulares da realidade política, social e cultural que lhe são intrínsecos, sendo que em qualquer caso, estes níveis de intervenção não são passíveis de se inscreverem necessariamente num único modelo global de execução, nem tão pouco em limites espaciais precisos mas abstractos, previamente definidos administrativamente sobre o território.

Neste contexto, a hipótese da fusão dos concelhos do Porto e de Vila Nova de Gaia, percebida como um esforço de (re)ligação metodológica entre aspectos que constituem uma mesma realidade urbana alargada, será então uma solução viável para a minimização dos modelos mais racionalistas de intervenção sectorial sobre a realidade?

Será a fusão administrativa de duas cidades o necessário garante ou, pelo menos, um real incentivo à emergência de uma nova filosofia holística de intervenção sobre o território?

Parece-nos que não.

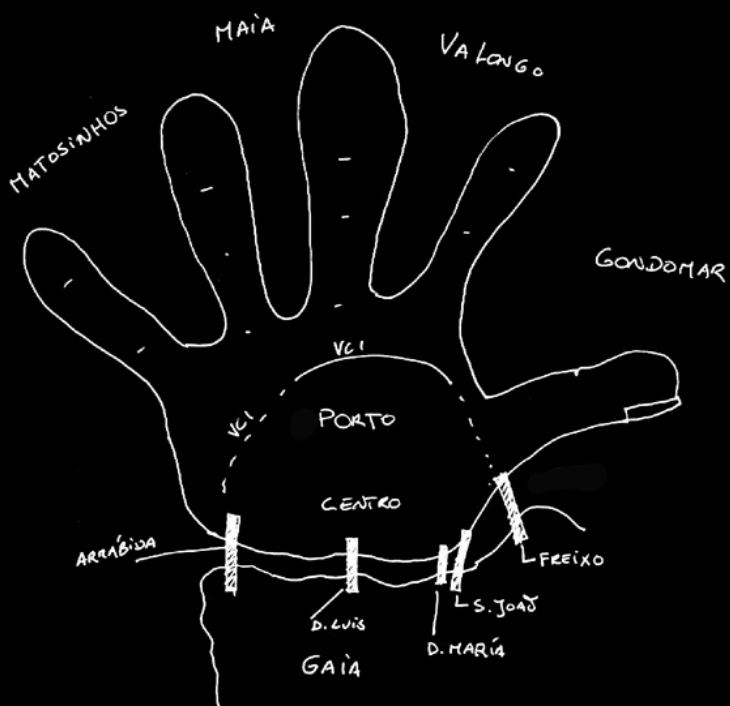
Se, por um lado, não nos parece necessário pôr em causa a independência das *partes* para garantir o *todo*, por outro, estamos convictos que, do ponto de vista urbanístico, pensar neste caso concreto, nesse *todo*, não será certamente pensar apenas nas cidades do Porto e de Gaia.

Mesmo que conjecturássemos apenas sobre uma eventual reconfiguração administrativa que visasse somente a potenciação das sinergias existentes entre diferentes aglomerados urbanos que configuram contínuos urbanos, porquê cingirmo-nos a estas duas cidades e não a outras igualmente cúmplices na qualificação da Área Metropolitana do Porto?

Não estaremos simplesmente a ponderar a hipótese de alargar a área de intervenção de um mesmo modelo de gestão do território, sem no entanto questionar sobre a sua capacidade de integrar os referidos níveis de complexidade do novo ecossistema urbano?

Na nossa opinião, a questão de uma eventual fusão político-administrativa destas duas cidades do Eixo Atlântico poderia eventualmente vir a ser considerada numa sequência natural da implementação de uma estratégia global sobre o território mas nunca a montante desse mesmo processo.

Neste sentido, independentemente de quaisquer fronteiras administrativas existentes, devemos sim reclamar a consolidação de uma nova metodologia, de um novo olhar, de uma nova filosofia de planeamento suficientemente incisiva para não perder o sentido mais particular do individual, mas também suficientemente



abrangente para não perder a globalidade e reciprocidade (as partes no *todo* e o *todo* nas partes) do real. A implementação de uma nova estratégia urbanística, de um novo processo metodológico complexo, associativo e continuado, capaz de, transversalmente, articular as várias realidades no tempo,<sup>7</sup> necessariamente gerido por uma entidade transmunicipal e apolítica, ultrapassará certamente os limites dessas fronteiras invisíveis, convergindo definitivamente para um novo modo de organização territorial, informado na nova complexidade ecológica<sup>8</sup> e nas novas tecnologias da comunicação sendo que a fusão será estrategicamente a (in)fusão do local e do global.<sup>9</sup>

## notas

1. Para um maior aprofundamento desta matéria ver ELLUL, Jacques, *The Technological Society*, New York, Vintage Books, 1964.
2. O termo «urbanismo» é um neologismo proposto por Ildefons Cerdà na sua “Teoria general de la urbanización”, de 1867.
3. Passmore define o reducionismo como “[...] a atitude que consiste em não conferir realidade a não ser às partes mais pequenas constitutivas do mundo e em remeter a interpretação dos níveis superiores para a organização dos níveis inferiores.”\* Defendendo-se uma maior precisão na análise e quantificação das partes, por exemplo a nível de laboratório, a ciência moderna analítica, irá formular uma realidade composta por partes governadas por processos mecânicos quantificáveis. PASSMORE, John, “Science and its Critics”, Ducworth, Londres, 1978, p.53, cit in GOLDSMITH, Edouard, *O Desafio Ecológico*, Lisboa, Instituto Piaget, 1995, p.39.
4. Excerto do ensaio “Legitimizing Architecture”, elaborado por De Carlo (1968) onde são revistas as consequências da declaração do CIAM de 1928. Cit in FRAMPTON, Kenneth, *Modern Architecture – a critical history*, London, Thames and Hudson, 1992, p.278.
5. O autor sublinha o facto de que a inclusão destes termos no discurso arquitectónico representa o início de um lento processo de transformação conceptual. SOLÀ-MORALES, Ignasi de, *Diferencias. Topografía de la arquitectura contemporánea*, Barcelona, Gustavo Gili, 1995, p.47.
6. Note-se que o Relatório “O Estado da População Mundial 2004”, emitido pela United Nations Population Fund de 2004, prevê que em 2007 mais de metade da população mundial irá viver em cidades (V. RYAN, William A. Ed., *State of world population 2004*, New York, United Nations Population Fund, 2004, p.23).
7. Sobre esta perspectiva metodológica ver: ASCHER, François, *Les Nouveaux Principes de l'Urbanisme. La fin des villes n'est pas à l'ordre du jour*, Éditions de l'Aube, Gémenos, 2001; CAPRA, Fritjof, *The web of life: a new understanding of living systems*, Doubleday, Nova York, 1997; CAPRA, Fritjof, *The Turning Point – Science, society and the rising culture*, Bantam New Age Books, Nova York, 1998; INGALLINA, Patricia, *Le Projet Urbain*, Presses Universitaires de France, Paris, 2001; LEDO, Andrés Precedo, *Nuevas Realidades Territoriales para el Siglo XXI. Desarrollo local, identidad territorial y ciudad difusa*, Editorial Síntesis, Madrid, 2004; MORIN, Edgar, *Ciência com Consciência*, Publicações Europa-América, Col. Biblioteca Universitária, Lisboa, 1994; MORIN, Edgar, *Os problemas do fim de século*, Lisboa, Editorial Notícias, 1996.
8. Utilizamos aqui o termo ecologia enquanto ciência que incide sobre um sistema complexo, recorre simultaneamente às interações particulares e ao conjunto global, opera numa estrutura espaço-temporal orgânica, bem como ressuscita a interdependência e complementaridade entre os homens e a natureza, permitindo intervenções mutuamente proveitosas. V. MORIN, Edgar, *Os problemas do fim de século*, Lisboa, Editorial Notícias, 1996, p.181.
9. Como refere Ledo (2004:10): “Podemos, portanto, imaginar novos modos de *Urbanização Difusa*, superadoras do paradigma urbanização/concentração física herdado da etapa industrial, novos modos de *Desenvolvimento Territorial Integrado e Sustentado*, novas formulações das *Identidades* e novos modelos de governabilidade das *Comunidades Territoriais*.”

## referências bibliográficas

- ASCHER, François (2001). *Les Nouveaux Principes de l'Urbanisme. La fin des villes n'est pas à l'ordre du jour*. Éditions de l'Aube, Géménos.
- CAPRA, Fritjof (1997). *The web of life: a new understanding of living systems*. Nova York: Doubleday.
- CAPRA, Fritjof (1998). *The Turning Point – Science, society and the rising culture*. Nova York: Bantam New Age Books.
- DE CARLO (1968). “Legitimizing Architecture” in FRAMPTON, Kenneth (1992). *Modern Architecture – a critical history*, London: Thames and Hudson.
- ELLUL, Jacques (1964). *The Technological Society*. New York: Vintage Books.
- INGALLINA, Patricia (2001). *Le Projet Urbain*. Paris: Presses Universitaires de France.
- LEDO, Andrés Precedo (2004). *Nuevas Realidades Territoriales para el Siglo XXI. Desarrollo local, identidad territorial y ciudad difusa*. Madrid: Editorial Síntesis.
- MORIN, Edgar (1994). *Ciência com Consciência*. Col. Biblioteca Universitária. Lisboa: Publicações Europa-América.
- MORIN, Edgar (1996). *Os problemas do fim de século*. Lisboa: Editorial Notícias.
- PASSMORE, John (1978) “Science and its Critics”. Ducworth, Londres, in GOLDSMITH, Edouard (1995). *O Desafio Ecológico*. Lisboa: Instituto Piaget.
- RYAN, William A. (Ed.) (2004). *State of world population 2004*. New York: United Nations Population Fund.
- SOLÀ-MORALES, Ignasi de (1995). *Diferencias. Topografía de la arquitectura contemporánea*. Barcelona: Gustavo Gili.